

DOMINIQUE MAINGUENEAU

**GÊNESE DOS
DISCURSOS**

TRADUÇÃO SÍRIO POSSENTI

π
Parábola

Título original: *Genèses du discours*
Copyright © 1995, Pierre Mardaga, éditeur
ISBN: 2-87009-197-4

EDITOR: *Marcos Marcionilo*

CAPA E PROJETO GRÁFICO: *Andréia Custódio*

CONSELHO EDITORIAL: *Ana Maria Stahl Zilles* [Unisinos]
Carlos Alberto Faraco [UFPR]
Egon de Oliveira Rangel [PUCSP]
Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]
Henrique Monteagudo [Univ. de Santiago de Compostela]
Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]
Marcos Bagno [UnB]
Maria Marta Pereira Scherre [UFRJ, UnB]
Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]
Salma Tannus Muchail [PUC-SP]
Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M191g
Maingueneau, Dominique
Gênese dos discursos / Dominique Maingueneau; tradução Sírio
Possenti. - São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
184p. - (Lingua[gem] ; 27)

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-88456-76-1

1. Análise do discurso. 2. Linguagem e línguas I. Título. II. Série.

08-3488

CDD: 401.41

CDU : 81'42

Direitos reservados à
PARÁBOLA EDITORIAL
Rua Sussuarana, 216 - Ipiranga
04281-070 São Paulo, SP
pabx: [11] 5061-9262 | 5061-1522 | fax: [11] 5061-8075
home page: www.parabolaeditorial.com.br
e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-88456-76-1

© da edição brasileira: Parábola Editorial, São Paulo, agosto de 2008



Sumário

- 7** Apresentação [Sírio Possenti]
- 11** Prefácio do Autor
- 15** Introdução
- 31** CAPÍTULO 1: Primado do interdiscurso
- 47** Capítulo 2: Uma competência discursiva
- 75** CAPÍTULO 3: Uma semântica global
- 99** CAPÍTULO 4: A polêmica como interincompreensão
- 119** CAPÍTULO 5: Do discurso à prática discursiva
- 137** CAPÍTULO 6: Uma prática intersemiótica
- 159** CAPÍTULO 7: Um esquema de correspondência



Apresentação

DOMINIQUE Maingueneau é um pesquisador bastante conhecido no Brasil, até porque sempre está presente em vários eventos ocorridos no país e, em diversas universidades, passou pequenas temporadas a trabalho.

Muitos estudantes de pós-graduação leram *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours* e *Approche de l'énonciation en linguistique française* na década de 1980. Mas foi a tradução de *Novas tendências em análise do discurso*, publicada em Campinas pela Editora da Unicamp e pela Editora Pontes, em 1987, que o tornou mais conhecido. Em seguida, a Editora Martins Fontes publicou três obras suas, duas das quais podem ser consideradas de divulgação (*Elementos de lingüística para o texto literário* e *Pragmática do texto literário*) — embora poucas obras de divulgação tenham virtudes equivalentes —, enquanto a terceira, *O contexto da obra literária*, propõe um olhar verdadeiramente discursivo da literatura, isto é, do que seria, então, o *discurso* literário. Este texto ainda não teve a fortuna que merece, o que indica, de alguma forma, que a literatura ainda não é analisada como discurso — uma pena.

Suas principais obras, no entanto, não foram traduzidas para o português. *Sémantique de la polémique* (Lausanne: L'Âge d'Homme, 1983), e *Les livres*

d'école de la République — 1870-1914; discours et idéologie (Paris: Le Sycomore, 1979) são obras que derivam de longas pesquisas empíricas, característica que o autor valoriza especialmente. Com a publicação em português de *Gênese dos discursos*, coloca-se à disposição do estudioso brasileiro aquela que é, a meu ver, a principal obra de Maingueneau. Trata-se de um trabalho que, ao mesmo tempo, propõe uma concepção global, bastante própria e original de discurso, e que também desenha para seu leitor, implicitamente, um roteiro de trabalho que adquire traços de uma metodologia que pode ser seguida em pesquisas sobre outros *corpora*.

O leitor verá que *Gêneses* se situa claramente no que pode ser chamado de núcleo duro da análise do discurso, ou seja, que opera a partir dos conceitos fundadores desse campo de saber, embora trate de forma peculiar a materialidade dos textos. Maingueneau não discute a natureza do sentido e de sua relação com a língua. Propõe, portanto, outra maneira de fazer análise do discurso, na medida em que é menos “lingüística”, menos “gramatical”, até porque está mais na esteira de Foucault — embora reprove seu pouco caso com a superfície lingüística — do que na de Althusser, e, conseqüentemente, por assim dizer, de Lacan. No entanto, sua proposta de que um discurso se caracteriza por uma semântica global o leva a considerar o enunciado (não o que pode ser parafraseado, que é quase sempre uma sentença/oração, mas o próprio texto) muito mais de perto do que o fazem outros analistas do discurso. É assim que demonstra, por exemplo, que os próprios gêneros textuais e suas formas de coesão são “determinados” pela semântica de uma formação discursiva.

Vários estudiosos têm mostrado que a presença de Foucault sempre foi relevante para a análise do discurso¹. Não somente pelas análises que elaborava, mas principalmente pelos conceitos que criava e punha em circulação com sua verve peculiar. Provavelmente, o que mais importava era que, apesar de algumas diferenças, mesmo que fundamentais, Foucault e os adeptos da chamada AD francesa estavam do mesmo lado; principalmente, tinham os mesmos adversários. Maingueneau foi provavelmente o primeiro analista do discurso a ser marcado por essa influência.

¹ Cf., por exemplo, M^a do Rosário Gregolin, *Foucault e Pêcheux na análise do discurso — diálogos e duelos* (São Carlos: Claraluz, 2004).

Gênese dos discursos deu forma a um modo de fazer análise do discurso que levou em conta ao mesmo tempo os ganhos do grupo que trabalhou em torno de Pêcheux (para cuja teoria a consideração dos fatores históricos que afetam o discurso é provavelmente o elemento principal) e acrescentou certos aspectos que afetam a discursividade para além da relação direta entre a língua e a história.

Certas características desse modo de fazer análise do discurso colocam sua proposta em um lugar específico nesse campo. Merece destaque o tratamento do discurso a partir de uma semântica global. Ela explica as práticas dos adeptos de um discurso, seu *ethos*, a organização das comunidades discursivas; além disso, permite compreender práticas intersemióticas; e, especialmente, torna inteligível por que a polêmica implica a leitura do Outro na forma do simulacro. Em segundo lugar, no cerne de todo o trabalho, está a rigorosa implementação da idéia de que o interdiscurso precede o discurso.

Espero que este livro, embora não recente, alimente o debate. Talvez a ocasião nos permita verificar se a AD funciona como um campo de saber ou apenas como um espaço discursivo — no sentido de Maingueneau — em que se debatem ideologias e comunidades que, por definição, só podem ler o Outro a partir de si mesmas.

Agradeço a colegas e alunos que leram versões desta tradução e anotaram problemas. Em especial, sou grato a Rodolfo Ilari, que chamou minha atenção pra uma lista de erros e de distrações.

Campinas, agosto de 2008

SÍRIO POSSENTI



Prefácio do autor

A EXCELENTE tradução de *Genèses du discours* feita por Sírío Possenti vai permitir ao público universitário brasileiro um acesso mais fácil a um livro que apresenta algumas teses conhecidas, mas que é difícil de ser encontrado.

Esta obra constitui uma reflexão teórica que surgiu após uma longa pesquisa empírica. Eu tinha trabalhado durante os anos 1970 em uma semântica dos discursos devotos do século XVII, pesquisa que resultou, em 1979, em uma tese de doutorado: *Sémantique de la polémique. Du discours à l'interdiscours*¹. Três anos mais tarde, o filósofo Michel Meyer, que estava lançando a coleção "Philosophie et langage", me encomendou uma obra que ele queria que fosse teórica. Assim, fui levado a realizar, *a posteriori*, uma reflexão sobre minhas próprias pesquisas. *Gênese do discurso*, então, foi elaborado a partir de uma pesquisa que fora concluída há alguns anos. Retrospectivamente, isso confirma minha opinião de que um analista do discurso precisa confrontar-se de maneira assídua com um terreno para alimentar sua reflexão teórica; sem

¹ Uma parte dessa tese de doutorado foi publicada em 1983 sob o título *Sémantique de la polémique* (Lausanne: l'Âge d'Homme).

isso, as perspectivas “parafilosóficas” correm o risco de ter mais importância do que a preocupação de dar conta dos funcionamentos discursivos.

Para mim, este livro é particularmente importante porque, pela primeira vez, me arrisquei em uma empreitada teórica e metodológica. O risco era maior pelo fato de que a obra se apoiava em um *corpus* que, então, era particularmente exótico para os analistas do discurso. Na França, no início dos anos 1980, a conjuntura era muito diferente da de hoje, e nada favorável à análise do discurso. A análise de textos era dominada pela semiótica; a lingüística, pela gramática gerativa, e a Escola Francesa de Análise do Discurso estava em crise, minada pelo refluxo do marxismo e da psicanálise. Foi somente na segunda metade da década que se produziu uma renovação, em particular graças ao concurso de correntes pragmáticas e à abertura a novas abordagens do discurso². *Gêneses do discurso* fez parte dessas obras que propunham outros conceitos, outras formas de pensar e estudar o discurso, além da que prevalecia no movimento althusseriano da análise do discurso, até então dominante na França. É em relação a esse contexto que se devem avaliar suas propostas. O fato de que tal trabalho se inclua hoje plenamente na análise do discurso, enquanto em 1984 ele era bastante atípico, mostra que se produziu uma remodelagem profunda no campo, da qual *Gêneses do discurso* participou.

Alguns pontos me parecem hoje discutíveis: por exemplo, a utilização frouxa da noção de “formação discursiva” (hoje se falaria preferencialmente de “posicionamento”), da mesma forma que a ênfase na homogeneidade das “competências discursivas” e a insuficiente consideração da complexidade dos processos de comunicação. Também lamento não ter refletido suficientemente sobre a especificidade dos *corpora* estudados: em que medida discursos religiosos desse tipo induzem a certa concepção da discursividade e de sua modelização? A problemática dos “discursos constituintes”, que desenvolvi depois, é uma das maneiras — entre outras, é claro — de tentar dar conta dessa dificuldade.

Apesar dessas insuficiências, o livro antecipa diversos desenvolvimentos posteriores. Testemunha isso o fato de que algumas noções que foram introduzidas

² Em 1986, foi publicado, em vários volumes, o *Handbook of Discourse Analysis*, organizado por van Dijk, que testemunhava a mundialização crescente desse campo de pesquisa.

por ele depois se revelaram fecundas. Penso particularmente naquilo que ocorre em torno das noções de “comunidades discursivas” e de “práticas discursivas”, de *ethos*, de cena da enunciação, e, mais amplamente, no início de uma superação da concepção tradicional das relações entre texto e contexto³. Além disso, a insistência na dimensão cognitiva da “competência discursiva” parece-me, hoje, plenamente justificada, mesmo que ela tenha sido mal compreendida por alguns, que a assimilaram precipitadamente aos pressupostos chomskyanos, como se houvesse contradição entre a historicidade radical dessas “competências” e sua submissão a restrições de ordem cognitiva. Além disso, diferentemente do que se fazia muito freqüentemente em análise do discurso e em semiótica no início dos anos 1980, a modelização dessa competência não se reduz à construção de redes de semas em oposição e sua distribuição em tabelas; ela procura representar operações de tratamento dos enunciados (produção/interpretação) por sujeitos engajados em atividades discursivas.

A meu juízo, isso não impede que algumas questões que foram abertas neste livro não tenham sido ainda suficientemente exploradas pela análise do discurso.

Em primeiro lugar, pode-se lamentar que o discurso religioso continue a ser o parente pobre da análise do discurso, ao mesmo tempo em que o fato religioso está particularmente presente no mundo contemporâneo. Mas, especialmente, há poucos trabalhos que, como este, tenham procurado construir modelos semânticos que considerem conjuntos textuais tão vastos e que sejam capazes de integrar ao mesmo tempo a dimensão comunicacional, a dimensão “doutrinal” e a dimensão “etnológica” dos discursos.

Pode-se igualmente lamentar que o esforço que fiz para integrar no mesmo sistema semântico as produções verbais e a de outros domínios semióticos, em particular o da pintura, tenha permanecido marginal, a despeito da vontade evidente de alguns pesquisadores de estabelecer contatos entre as disciplinas. Nesse aspecto, as divisões institucionais têm certamente efeitos esterilizantes: a maior parte dos especialistas em história da arte ou das religiões continua a trabalhar sem qualquer preocupação com as problemáticas da análise do discurso.

³ O que se concretizará em particular em 1993 em *O contexto da obra literária* (São Paulo: Martins Fontes).

Em um plano teórico, colocando como unidade de análise pertinente não uma formação discursiva, mas a interação entre duas formações discursivas, este livro procurava modelizar aquilo que ainda hoje permanece muito frequentemente um simples axioma: o primado do interdiscurso sobre o discurso.

Essas observações não pretendem dizer a verdade do livro. Seria contraditório com os pressupostos da análise do discurso afirmar que qualquer um, mesmo que seja o autor, possa deter o domínio do sentido de um texto que, longe de ter uma significação imanente, é interpretado diferentemente segundo a configuração na qual ele aparece e a posição de seu leitor. No fim das contas, a única coisa que importa é que esta obra possa inspirar idéias, estimular novas pesquisas.

novembro, 2004

DOMINIQUE MAINGUENEAU